

## PESQUISA BIOGRÁFICA E TRANSDISCIPLINARIDADE: UMA PRODUÇÃO EM ESPIRAL DE CONHECIMENTO

### BIOGRAPHICAL RESEARCH AND TRANSDISCIPLINARITY: A PRODUCTION KNOWLEDGE SPIRAL

Elsa Lechner - Universidade de Coimbra

#### RESUMO

Este texto é uma reflexão sobre as múltiplas dimensões analíticas do trabalho de pesquisa com histórias de vida e narrativas biográficas junto de migrantes no âmbito da pesquisa desenvolvida com emigrantes portugueses em vários países, bem como com imigrantes de origens diversas residentes em Portugal. Pauta-se pela apresentação do quadro teórico da Pesquisa Biográfica “pós-disciplinar” na qual me movo; na descrição dos terrenos concretos de pesquisa efectuada com histórias de vida e narrativas biográficas de migrantes; na discussão em particular do carácter iminentemente interdisciplinar do trabalho efectuado com oficinas biográficas/rodas de histórias com migrantes e sobre autobiografias de portugueses da diáspora. O trabalho de fronteira que efectuamos interage não apenas com as ciências sociais e humanidades, mas também com saberes de experiência e com as artes mais ou menos eruditas.

**Palavras-chave:** Migrantes. Narrativas biográficas. Transdisciplinaridade.

#### ABSTRACT

This paper discusses the multiple dimensions of biographical research conducted among Portuguese emigrants in different fieldworks and immigrants from different origins in Portugal. It presents the “post-disciplinary” theoretical framework of research with life stories and biographical narratives within the social sciences, as well as the description of the referred fieldworks, and the transdisciplinarity of biographical research, namely when conducted in group (circles of voices or biographical workshops). This is an interdisciplinary work that puts in dialogue social sciences, the humanities, experienced forms of knowledge, and the arts.

**Keywords:** Migrants. Biographical research. Transdisciplinarity.

Perante o desafio que me foi lançado para escrever sobre transdisciplinaridade, trago para este texto uma reflexão sobre as múltiplas dimensões analíticas do trabalho de pesquisa com histórias de vida e narrativas biográficas junto de migrantes. Focarei em particular a pesquisa biográfica que tenho vindo a desenvolver ao longo dos anos com emigrantes portugueses em vários países, bem como com imigrantes de origens diversas residentes em Portugal.

Este exercício será pautado pela apresentação do quadro teórico da Pesquisa Biográfica “pós-disciplinar” na qual me movo pelos seguintes motivos: descrição dos terrenos concretos de pesquisa efectuada com histórias de vida e narrativas biográficas de migrantes; discussão em particular do carácter iminentemente interdisciplinar do trabalho efectuado com oficinas biográficas/rodas de histórias com migrantes e sobre autobiografias de portugueses da diáspora.

Sem procurar produzir uma teoria da transdisciplinaridade, as pesquisas que tenho levado a cabo com e/imigrantes são feitas, de facto, na fronteira de várias disciplinas. Por essa razão, convocam, necessariamente, o diálogo na diversidade de olhares e sensibilidades, assim proporcionando a aprendizagem de uma escuta atenta e respeitosa dos diversos posicionamentos teóricos e metodológicos dos nossos interlocutores académicos e não académicos também. Nesse sentido, o trabalho de fronteira que efectuamos interage não apenas com as ciências sociais e humanidades, mas também com saberes de experiência e com as artes mais ou menos eruditas.

### **A PESQUISA BIOGRÁFICA “PÓS-DISCIPLINAR”: REFERÊNCIAS, PRESSUPOSTOS E POSTULADOS**

Na segunda metade do século XX, o sociólogo italiano Franco Ferrarotti defendeu a ideia de uma “pós-disciplinaridade”, única capaz de dar conta das múltiplas dimensões de compreensão e análise dos fenómenos sociais.

Interessado pelas vivências concretas de homens, mulheres e crianças que também fotografou na periferia pobre da Roma dos anos 1970 (ver *O Olhar*, catálogo de exposição organizada por DELORY-MOMBERGER, 2014), ele foi responsável pela produção de textos de referência sobre “o método biográfico”.

No seu famoso contributo ao volume editado por Daniel Bertaux na Sage em 1981, *Biography and Society: the life history approach in the social sciences*, o autor discorre sobre a autonomia do método biográfico, apresentando a especificidade do trabalho com e sobre objetos biográficos, a qual é decorrente do caráter totalizante destes últimos, unindo o pessoal ao coletivo. É por traduzirem uma síntese entre o individual e o coletivo, entre o singular e o plural, entre o privado e o público, que esses “objetos” feitos de/e por sujeitos (atores sociais) requerem um olhar compósito e abrangente. Ferrarotti apelida de *praxis sintética* a ação humana sobre/nos contextos sociais, assim, sugerindo que o trabalho dos cientistas sociais (re)conheça o biográfico no social e, conseqüentemente, assuma a “subjetividade explosiva” dos seus objetos de análise. Para tal, faz apelo à história, reconhecendo a natureza temporal dos fatos sociológicos e defendendo metodologicamente o método biográfico como a “história vista de baixo” (FERRAROTTI, 2014, p. 55). Ao mesmo tempo, o autor inspira-se na filosofia, muito particularmente no existencialismo de Sartre; estuda a psicanálise de Freud e a psicologia, também para criticar as compreensões *psicologizantes* dos fenômenos sociais; recorre à antropologia, para pensar nas microestruturas e lógicas organizacionais dos grupos humanos e consubstanciar o historicismo oposto a um suposto universalismo; refere-se à literatura, para pensar os modelos de apresentação de Si, a relação entre narrador e personagem, o gênero autobiográfico; interessa-se, ainda, pela dimensão espiritual das experiências humanas (*Le Paradoxe du Sacré*, 1985).

Entretanto, o mais provocatório, nesse contexto dos anos 1980, foi a sua visão participativa e relacional do trabalho de pesquisa biográfica. No Apêndice do livro *Histoire et histoires de vie: La méthode biographique dans les sciences sociales* (1983), o Professor de Roma defende uma pesquisa sociológica mais

humana e mais crítica, capaz de democratizar os conhecimentos e partilhar os saberes. Revisitando essa sua ousada contribuição teórico-metodológica numa entrevista concedida em 2013 à revista *Le Sujet dans la Cité*, Ferrarotti comenta, a esse propósito:

O método biográfico é outra coisa, muito mais desestabilizadora [do que apenas uma pesquisa fundamentada na recolha e no tratamento de dados e materiais biográficos...], porque conduz o pesquisador a reconhecer que ele não sabe, que só pode começar a saber junto com os outros – com as pessoas –, com o saber das pessoas e, em particular, com o saber que seus interlocutores – ou seus “interatores” – constroem com ele ao tomarem a palavra, em conversas, em narrativas (FERRAROTTI, 2013, p. 23).

Na recente tradução brasileira de *História e histórias de vida* (2014), declara ainda, numa nota prévia: “[...] É possível que o método biográfico consiga rever os termos da relação do humano com o humano, ao mesmo tempo que o sentido profundo e a vocação social da Sociologia como elaboração científica da condição humana” (FERRAROTTI, 2014, p. 11).

No mesmo sentido seguia o seu livro de 2005 *On the science of uncertainty*. Então, Ferrarotti mostra que a questão da legitimidade do método biográfico depende menos do estatuto científico dos objetos de estudo sociológico, ou das metodologias aplicadas, e mais do significado da ciência no nosso universo cultural de referências, com o intuito de compreender a resistência ao biográfico nas ciências sociais, assim, diz ele, é necessário ter consciência do estatuto da ciência ao longo da história das nossas sociedades tecnicamente desenvolvidas.

Ao mesmo tempo, é preciso desenvolver uma visão crítica da relação entre “fatos” e “valores”. A ciência possui um elevado estatuto social que se confunde frequentemente com um valor de universalidade. Tal confusão conduz à necessidade de exigir da análise dos fenómenos sociais o mesmo rigor, a mesma capacidade de medir, a mesma previsibilidade das ciências naturais. No entanto, segundo Ferrarotti (2005, p. 23), “a ciência ultrapassa as

questões internas de uma dada disciplina e abarca o seu próprio significado enquanto construção humana”.

Conceber o conhecimento científico como um artefato humano e conhecer a história das disciplinas permitem tomar consciência do carácter situado de qualquer produção de saber. Tal posicionamento leva-nos a desconstruir o processo de naturalização da própria linguagem utilizada por cada disciplina, dando a conhecer as razões da utilização de uma determinada palavra em detrimento de outras para designar os fenômenos estudados, antes e depois que elas se tornarem conceitos operatórios ou dados adquiridos. Consequentemente, essa visão histórica contribui para atualizar a dimensão axiológica e ideológica inerente a qualquer discurso científico, independentemente das ambições de objetividade que se possa ter.

A história ensina que as palavras e as ciências contêm camadas cronológicas de sentidos e que umas e outras – e umas com as outras – nunca são neutras. Desde logo, a questão que se coloca às disciplinas conscientes da sua própria historicidade não é a de neutralizar os efeitos do tempo para que se possam tornar inquestionáveis, mas, antes, a de incorporar essa dimensão temporal no campo da sua reflexão sobre si próprias. Ferrarotti considera que negar a natureza dinâmica das disciplinas é ser indiferente às necessidades sociais e, desse modo, incapaz de encontrar respostas. Além disso, sugere que limitar o trabalho de pesquisa ao rigor tecnicista significa esquecer os problemas de fundo e dar prova de uma atitude distante e indiferente, “reificando” as realidades dos seres humanos e os problemas que estes enfrentam. A fetichização da ciência torna-a estéril, distanciando-a do esforço a que se deveria dedicar para aumentar as possibilidades de compreensão e de intervenção construtiva no mundo.

Pelo contrário, a atenção empática prestada aos problemas sociais oferece uma consciência aguda da polissemia no quotidiano. Esta desafia constantemente o trabalho de produção teórica bem como as metodologias de pesquisa. A identidade e a autonomia de uma disciplina não se medem mais por uma operacionalidade obediente a uma identidade fixa. Não há objeto de estudo

que não seja, de fato, objeto de diversos pontos de vista e, desse modo, de diversas disciplinas, logo denominado por Ferrarotti de “pós-disciplinar”.

Nesse contexto, o mesmo autor convida a pensar a pesquisa biográfica em diálogo com a sua genealogia heterogênea. Ao longo do tempo, e nos diferentes contextos nos quais se desenvolvem, as disciplinas evoluem e transformam-se tanto quanto os seus objetos de análise. Nesse sentido, a pesquisa biográfica é iminentemente transdisciplinar, pois não só não surgiu de uma só disciplina, como também convoca hoje a contribuição de várias perspectivas disciplinares e práticas de investigação. A sociologia é apenas uma delas, entretanto, na sua versão historicista e totalizante sugerida por Ferrarotti, aproxima-se da possibilidade de compreensão abrangente e aprofundada dos problemas sociais da modernidade tardia. Como o próprio sociólogo afirma:

[...] o método biográfico e os Cultural Studies encontram-se numa mirada comum, eles estão para além das divisões disciplinares. Nem multi, nem inter, nem transdisciplinar, mas pós-disciplinar. Isso quer dizer que é preciso ir buscar instrumentos heurísticos e metodológicos no lugar onde eles se encontram: na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, mas também na literatura e na poesia (FERRAROTTI, 2013 *apud* PASSEGGI; BRAGA, 2014, p. 152).

É certo que esse posicionamento não nasceu de geração espontânea, sendo herdeiro da sociologia qualitativa da Escola de Chicago (William Thomas e Florian Znaniecki, 1918-1920) e contemporâneo de outros trabalhos com pesquisa biográfica. Tanto na sociologia como na antropologia, na história e na educação, foram vários os autores e as autoras que contribuíram no mundo ocidental para a legitimação da pesquisa biográfica. Todavia, o trabalho de Ferrarotti merece especial relevo por representar um contributo particularmente edificante da autonomia (não apenas) do método biográfico como também da pesquisa biográfica como campo de investigação interdisciplinar.

Mais recentemente, a partir do início dos anos 2000, tem sido igualmente edificante o trabalho de Christine Delory-Momberger. Em 2000, Delory-Momberger não somente publicou um livro de referência que traça com particular solidez a genealogia do trabalho com e sobre o biográfico ao longo da história e através das disciplinas, como também tem, desde então, publicado muitos outros livros, artigos e organizado números de revista dedicados à pesquisa biográfica. Em 2010, fundou a Associação Internacional de Pesquisa Biográfica *Le Sujet dans la Cité*, bem como a Revista com o mesmo nome. Os seus textos constituem importantes contributos teóricos na construção da pesquisa biográfica como campo de investigação interessado na relação de mútua atuação entre sujeitos e contextos na modernidade avançada.

É de destacar o seu livro *La Condition Biographique: essai sur le récit de soi dans la modernité avancée*, de 2009, no qual a autora reflete sobre o estatuto do biográfico nos nossos tempos, redesenhando as condições históricas e sociológicas que dão relevo aos testemunhos privados e aos relatos autobiográficos, nas esferas privada e pública, incluso os números temáticos já publicados pela Revista *Le Sujet dans la Cité*, que representam um enorme contributo impulsionado por Delory-Momberger para o aprofundamento de temáticas sociais, da polis, intimamente ligadas à esfera privada, biográfica, de vivência concreta das pessoas: sofrimento e violência (vol. 1), habitar o estrangeiro: lugares, movimentos, fronteiras (vol. 2), vulnerabilidades e poder de agir (vol. 3), democratização do conhecimento (vol. 4), viver com a doença (vol. 5), a escola hoje (vol. 6).

Desde a sua concepção, essa revista e a associação internacional visam, justamente, contribuir para a dinamização e alargamento de atividades de pesquisa biográfica capazes de analisar os prementes problemas das nossas sociedades complexas, numa perspetiva transdisciplinar focada nas experiências e relatos biográficos. Olhando para o ponto de interseção fundamental existente entre indivíduos e sociedade, entre “textos” e contextos, entre agência e estrutura, trata-se de produzir e divulgar conhecimento útil à

melhoria das condições de vida das pessoas e instituições. Assumindo a dimensão colaborativa do saber produzido por um/a pesquisador/a que se interessa pelas experiências de vida de alguém e por essa pessoa que confia suas vivências ao pesquisador, esta pesquisa biográfica comprometida com a sociedade põe em prática uma coerência teórico-prática: faz aquilo que diz, ou percorre o caminho que anuncia. Para tal, recorre aos estudiosos de muitas áreas, promove a mutualidade de competências diferentes e trabalha nos interstícios das reciprocidades assimétricas entre saberes de experiência e saberes acadêmicos. Fulcral para este trabalho com o biográfico é a relação entre quem se propõe a fazer a pesquisa e quem aceita ser pesquisado, enfrentando, por isso mesmo, o desafio de experimentar novas posições de sujeito nessa interação.

Os pressupostos desta pesquisa se assentam numa utopia concreta de ideal de justiça social em geral e, em particular, no domínio da produção de conhecimento – a começar pela relação entre investigador e investigado, ou narratário e narrador dos relatos biográficos. Logo, baseiam-se simultaneamente numa lúcida consciência dos limites e delimitações impostos a essa “epistemologia cívica” pelos condicionamentos sociais das estruturas de poder e saber das diferenças por vezes radicais entre interlocutores.

O postulado desta pesquisa biográfica é o da coragem epistemológica e relacional com sentido de ética, nas fronteiras do possível com o impossível. Se o conhecimento sempre enfrenta limites, se a relação de interação nos trabalhos de terreno sempre esbarra em possibilidades de impossibilidade, tal não impede que se adote uma atitude positiva e entusiasta na pesquisa biográfica. Pelo contrário, nesse estudo, os limites são tomados como potencialidades e desafios de novas aprendizagens que dão coerência à nossa postura de “ciência cidadã”. No avesso de um horizonte de conhecimento sem falhas, na realidade, experimenta-se o saber humanizado.

### FRAGMENTOS VIVOS DO TRABALHO COM HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE E/IMIGRANTES

---



No trabalho com histórias de vida, a definição teórica e metodológica de uma história de vida enquanto objeto de análise gera grande discussão e debate. Esse já se beneficiou dos contributos importantes de tais autores: Daniel Bertaux (1976, 1980), Pierre Bourdieu (1986, 1993), e de todos os trabalhos empíricos levados a cabo por etnógrafos, antropólogos e sociólogos do biográfico ao longo dos últimos 100 anos.

Definir o que é uma história de vida, apenas por si, comporta um exercício entre disciplinas, uma vez que, em função do olhar disciplinar que domine, cada um vai privilegiar uma das suas dimensões em detrimento das demais. No sentido técnico, de acordo com a minha experiência de trabalho, há que nomear os diversos tipos de narrativas biográficas e autobiográficas e distinguir, como sugere Bertaux (2010), as narrativas das histórias, ou as formas/suportes dos relatos, dos seus conteúdos. Philippe Lejeune (1975) analisou exaustivamente os diversos tipos de textos autobiográficos e respetiva história literária. Em outro registo mais panorâmico e transdisciplinar, Christine Delory-Momberger (2000) explicitou os diversos usos históricos e disciplinares dos textos biográficos. Aqui, desejo apresentar rapidamente os diversos tipos de “objetos biográficos” com que já trabalhei e que ultrapassam a noção de “texto” biográfico ou autobiográfico mesmo quando pretendem designar uma história de vida.

Ao longo de vinte anos de carreira estudando as migrações, tenho desenvolvido pesquisa biográfica interessada em conhecer as experiências concretas do/as migrantes, a partir da recolha e análise das suas próprias narrativas produzidas a meu pedido (em entrevistas face a face e em oficinas biográficas/rodas de histórias), ou através da análise de obras autobiográficas escritas e publicadas pelo/a meus interlocutor/as.

Esse foco privilegiado resultou do interesse em particular pelas vivências em carne e osso da experiência migratória (no antes, durante e depois da decisão de emigrar) *versus* versões oficiais e discursos institucionais sobre os e as e/migrantes (que não descuramos, mas que deixamos como pano de

fundo). Aliou-se ainda esse interesse a uma visão qualitativa e relacional do trabalho de pesquisa que julgo dever conjugar, simultaneamente, o rigor metodológico e analítico à permeabilidade de escuta e fina sensibilidade intercultural. “Todos diferentes, todos iguais” é uma máxima que se aplica a essa postura deontológica, trazendo consigo muitos desafios teóricos, metodológicos, éticos e estéticos que procuramos enfrentar sem rodeios.

Assim, a pesquisa com histórias de vida e narrativas biográficas de e/imigrantes obriga-nos a olhar para o nosso trabalho a partir de diversos ângulos e a identificar múltiplas dimensões de análise necessariamente presentes nas histórias, seus conteúdos substantivos (históricos, sociológicos, políticos, culturais), suas formas ou suportes comunicacionais (orais, escritas, visuais etc.) e contextos de enunciação (entrevistas, conversas informais, oficinas biográficas, textos autobiográficos etc.).

Neste trabalho, não devemos levar em consideração somente a já referida heterogênea genealogia disciplinar dos estudos biográficos que nos conduz às humanidades tanto quanto às ciências sociais, como devemos multiplicar as referências teóricas atuais e a experiência contemporânea de “descolonizar” o saber sobre os outros, com os outros, no sentido da construção de um mundo que desejamos comum.

Da preocupação com as questões formais dos “objetos biográficos” (se são relatos, memoriais, narrativas *tout court*, autobiografias, biografias ou histórias de vida), passando pelos condicionantes ditados pelo quadro institucional onde se processa o trabalho com o biográfico, chegamos à equação entre textos e contextos da pesquisa biográfica. Ao apresentar claramente a identidade de cada “texto” e de cada contexto de pesquisa concretamente efectuada, é possível conceber metodologias adequadas aos propósitos que norteiam cada pesquisa. Na verdade, e de acordo com a sugestão de Idalina Conde (1993) sobre a necessidade de escolher as teorias processuais adjacentes, as teorias de sujeito orientadoras de cada pesquisa biográfica são os objetivos de cada estudo que permitem delinear a metodologia apropriada para alcançá-los. Assim se justifica, como já vimos na

primeira parte deste texto, o próprio desenvolvimento do “método biográfico” nas ciências sociais, para dar conta da crescente “sociedade do biográfico” (DELORY-MOMBERGER, 2012), característica da nossa era.

Em concreto, os projetos que desenvolvi junto de emigrantes portugueses na França<sup>1</sup>, bem como as pesquisas realizadas em Portugal com imigrantes<sup>2</sup> e o projeto exploratório recentemente efectuado em New Jersey, USA, junto da comunidade portuguesa<sup>3</sup>, multiplicaram a minha análise biográfica em termos teóricos, metodológicos e práticos num sentido inter, trans e pós-disciplinar.

O estudo aprofundado de histórias de vida de emigrantes portugueses na França<sup>4</sup> (LECHNER, 2010) evidenciou o valor histórico e sociológico dos testemunhos privados dos interlocutores de terreno no conhecimento aprofundado da emigração transmontana para França entre os anos 1960 e finais dos anos 1990. Tendo desenvolvido em particular a história de vida de um dos meus entrevistados (António Cravo), esta permitiu compreender e efectuar o efeito de *zoom* que as histórias individuais proporcionam ao estudo das migrações. De fato, ao dedicar tempo e atenção a um caso que revelou condensar um retrato coletivo da história da emigração portuguesa para França no período indicado, foi possível obter um material muito rico e denso que multiplica a pertinência de partida do caso estudado. O autor supracitado conjuga o valor da experiência privada de uma pessoa em concreto (que personaliza ou encarna uma experiência comum a muitos milhares de outros portugueses emigrantes) com o valor heurístico e social da sua história de vida.

Não há espaço neste texto para apresentar toda a riqueza analítica desse retrato, mas quero trazer um poema que António Cravo escreveu e que

---

<sup>1</sup> Mestrado em Antropologia Visual na Universidade de Paris X, Nanterre (1995); Doutoramento em Antropologia Social na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (2003).

<sup>2</sup> Pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais, Lisboa (2003-2006), e no Centro de Estudos em Antropologia Social, Iscte (2006-2009); seguidos do trabalho no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra através do “Compromisso com a Ciência” e projeto financiado pela FCT (2011-2014).

<sup>3</sup> Projeto financiado pela Fundação Fulbright/Instituto Camões, 2014, e acolhido pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, Providence, e pelo Departamento de Estudos Portugueses e Espanhóis da Universidade de Rutgers, Newark.

<sup>4</sup> Mais especificamente, este projeto de doutoramento tratou com transmontanos na região parisiense.

resume a sua vida em cinco linhas autobiográficas desenhadas em torno dos quatro nomes que efectivamente teve. O propósito é exemplificar como mesmo “apenas” o nome ou nomes (apelidos) de uma pessoa podem traçar um itinerário biográfico que traduz os tempos e lugares da experiência migratória e seus efeitos cognitivos, emocionais, de subjetivação, que ajudam a conhecer e compreender “por dentro” o fenómeno mais vasto da emigração em que se inserem:

*Quando eu era Jaimota, na boca da minha infância*

*As estrelas do céu eram velinhas.*

*Quando eu era Gonçalves, na boca do meu castro*

*Eu vi as estrelas do céu a chorarem lágrimas à mesma distância.*

*Quando era Jacques, na boca dos meus pincéis*

*Eu conheci as estrelas do céu a distâncias diferentes.*

*E quando era Cravo, na pluma dos jornais*

*Eu entrei no coração das estrelas, eu conheci as estrelas*

*E vi que as estrelas do céu eram mortais.*

(António Cravo, Paris, 27 de novembro de 1996).

Esse homem, nascido no início dos anos 1930 em Trás-os-Montes, conjuga na sua vida os ingredientes fundamentais de caracterização sociodemográfica da sua terra de origem, constituindo a sua história, o que podemos apelidar de uma etnobiografia (LECHNER, 2010). O caso de António Cravo, com efeito, é um verdadeiro paradigma de análise de três campos de referência identitária transmontana da primeira metade, início da segunda metade do século XX: ele é, ao mesmo tempo, um filho ilegítimo<sup>5</sup> (Zorro, em Trás-os-Montes), um emigrante<sup>6</sup> (Avec, em Trás-os-

---

<sup>5</sup> As taxas de nascimentos fora do casamento em Trás-os-Montes, tal como em toda a Europa do Sul, foram muito elevadas até meados do século XX, e a Lei portuguesa só excluiu a categoria de “filho ilegítimo” na segunda metade do século: O’Neill, B. (1982). “Jornaleiras e Zorros: dimensões da ilegitimidade numa aldeia transmontana (1870-1978)”, *Les Campagnes Portugaises*, Colloque Aix-en-Provence, CCP.

Montes) e um descendente de judeus convertidos<sup>7</sup> (*Perro*, em Trás-os-Montes), que reinventou uma identidade no momento de rutura e reconfiguração biográfica, provocadas pela emigração forçada para França nos anos 1970. O seu retrato permite conhecer o quadro mais vasto da emigração transmontana e portuguesa da época e identificar os aspectos comuns às reconfigurações identitárias vivenciadas por migrantes de origens diferentes em contextos também diferentes de imigração (LECHNER, 2009a). Nesse sentido, ele não somente serve para estudar a emigração portuguesa e a portugalidade na diáspora, como também ilumina a compreensão de outras experiências migratórias e outras identidades.

A história de vida de António Cravo ilustra – seguindo a lógica ideográfica própria da pesquisa biográfica – os quadros mais vastos (históricos e sociológicos) da emigração portuguesa do século XX e permite ainda analisar as diversas dimensões simbólica, linguística, mnemónica, performativa, estética (através da poesia, poética e autopoiesis dos relatos) e biopolítica da análise dos “objetos biográficos”. Essas mesmas dimensões podem ser encontradas em qualquer história de vida, todavia são particularmente notórias na vivência de Cravo que o conduziu a se tornar escritor, poeta, dramaturgo e começou a escrever a sua autobiografia em três volumes (20 anos na aldeia, 20 anos em Lisboa, 20 anos em Paris), na sequência das nossas entrevistas. Também esse último fato, como se vê, traduz a biopolítica da “relação instauradora” (LECHNER, 2009b) que pode ser a relação entre entrevistadora e entrevistado, entre narrador e narratária de uma vida com muitas estórias e histórias para contar.

O poema citado de António Cravo resume em poucas linhas a sua vida. Os seus três volumes escritos após as nossas entrevistas (e nunca publicados) são uma autobiografia documentada. Ao longo das nossas entrevistas

---

6 Trás-os-Montes era uma das regiões mais pobres de Portugal na altura da grande vaga de emigração portuguesa para França, nos anos 1950, 1960, 1970.

7 Trás-os-Montes é considerada uma região clássica de cripto-judaísmo, herdeira do refúgio, nas suas montanhas, dos judeus expulsos pelos reis espanhóis Ferdinand e Isabella na época da Inquisição. Os vestígios materiais e simbólicos desses cristãos novos, obrigados à conversão religiosa, são conhecidos e ainda hoje visíveis na região.

biográficas em torno da sua história, mostrou-me várias fotografias e documentos pessoais, tais como correspondências, anotações, memórias e mesmo um processo judicial que não abriu na minha presença, mas que levou para o nosso encontro num dos seus *dossiers* organizados.

Um tempo depois, no trabalho efectuado na Consulta do Migrante no Hospital Miguel Bombarda em Lisboa (pós-doutoramento), foram as histórias narradas pelos pacientes da consulta, em privado ou no hospital, com autorização do comité de ética da instituição, que trouxeram novo material para pensar os potenciais e limites do trabalho de pesquisa biográfica. Nesse contexto, o peso da instituição médica e psiquiátrica tornou-se evidente. Tal como mostra Cristiana Giordano no seu trabalho sobre tradução institucional dos relatos dos imigrantes (GIORDANO, 2009), também aqui foi notória a interferência do quadro hospitalar no debitar das palavras ditas e silenciadas dos nossos interlocutores. Diferentes contextos produzem diferentes textos, em função do lugar onde acontece o encontro entre narrador e narratário, mais ou menos possível se tornam os relatos pessoais. É claro que uma esquadra de política, uma sala de tribunal, um centro de refúgio ou hospital formatam a partida, as interações, deixando muito visível a posição de sujeito que cada interlocutor ocupa e que lhe atribui maior ou menor estatuto social, maior ou menor poder sobre a situação, se é polícia, juiz, administrador de pedidos de asilo, médico, enfermeiro ou imigrante documentado e indocumentado, ou ainda refugiado (LECHNER; SOLOVOVA, 2014).

A pesquisa efectuada nesse hospital também permitiu verificar como as histórias de vida dos imigrantes são ouvidas de forma distinta por uns e outros, em virtude do poder-saber associado às suas posições de sujeito na interacção. Assim, um médico está sobretudo preocupado em estabelecer um diagnóstico e aplicar uma terapêutica adequada; um psicólogo também, diferentemente, em função dos seus quadros teóricos de referência; um enfermeiro em prestar cuidados imediatos e acatar as ordens dos médicos. Podemos dizer que perante diversos prestadores de serviços, nesse contexto institucional bem demarcado, observamos diferentes facetas dos imigrantes

que não observaríamos noutro contexto mais neutro. É o que leva a defender uma desmedicalização do sofrimento dos migrantes que se apresentam ou são levados a consultas de psiquiatria cultural ou etnopsiquiatria. Em países com uma história já longa de imigração, como os EUA, Canadá e França, esses mesmos serviços desconstroem as suas tradicionais e herdadas posições de poder sobre os pacientes estrangeiros, chegando a propor estratégias coletivas, interdisciplinares com equipes alargadas trabalhando em conjunto com as famílias e comunidades dos migrantes.

Com essa vigilância teórico-metodológica e também influenciada pela corrente das histórias de vida em formação<sup>8</sup>, sobretudo, após frequentar um *atelier* biográfico ministrado por Jeanne-Marie Rugira na Universidade de Paris 8 em 2004, desenhei um projeto de investigação assente em rodas de histórias com imigrantes em Portugal<sup>9</sup>. Este tirou partido do formato circular da comunicação efectuada nas rodas de conversa para aí pôr em cena o ponto de encontro, partilha e eventual desencontro entre as diversas histórias de cada participante.

Em artigo anterior, já tive a oportunidade de apresentar as diversas etapas e protocolo dessas rodas de histórias que apelido igualmente de oficinas biográficas (LECHNER, 2012). Nesse texto, identifiquei ainda as várias dimensões de análise que levámos a cabo no projeto. Desenvolvido por uma equipe interdisciplinar, esse trabalho beneficiou-se do olhar simultâneo de colegas da linguística, sociolinguística, arquitectura e urbanismo, estudos sobre a participação cidadã na vida comunitária, sociologia e história. Procuramos ainda incorporar os saberes de experiência dos participantes nas rodas, originários de países, culturas, religiões diversas, e os conselhos dos consultores externos, oriundos da antropologia social, antropologia visual, antropologia linguística, educação, semiótica, planeamento cultural.

---

<sup>8</sup> Essa corrente foi impulsionada por um grupo de académicos franceses, suíços, belgas e do Québec nos anos 1980 da área da Educação, dedicados à formação de adultos. São nomes de referência Gaston Pineau, Pierre Dominicé, Guy de Villers, Marie-Christine Josso, entre outros.

<sup>9</sup> Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, com a referência PTDC/CS-ANT/111721/20099.

No ponto seguinte deste artigo, desenvolverei a adequação desse método de pesquisa ao estudo das migrações em geral e da imigração em particular. Porém, antes de fazê-lo, desejo aqui acrescentar a utilização do mesmo procedimento de pesquisa junto dos portugueses de Newark, New Jersey, USA. Nesse terreno, não foi tanto o mundo na sala que observamos (embora muitos dos participantes tenham passado e vivido noutros países que não apenas Portugal, de onde partiram, e os EUA, onde moram), mas, sobretudo uma constelação de experiências diferentes de emigração portuguesa continental<sup>10</sup>. Apesar de todos serem de Portugal continental, a roda permitiu conhecer diversos percursos (homens, mulheres, jovens, menos jovens) que somente por si ajudam a conhecer e compreender as características da comunidade portuguesa de New Jersey, traçando perfis paradigmáticos da portugalidade na diáspora.

Um aspeto particularmente interessante desse terreno específico foi a descoberta de várias autobiografias publicadas por portugueses e portuguesas dessa emigração. Esse fato não somente contraria uma falta de tradição autobiográfica no mundo lusófono e ibérico (MEDEIROS; HERPOEL, 2008), como revela uma emancipação desses homens e mulheres “do povo” face à sua origem humilde, iletrada ou pouco letrada, caracterizada por baixos níveis de educação escolar (LECHNER, 2014b). Porque escrevem as suas obras autobiográficas em português nos EUA e porque assim podem ser lidos pelos portugueses de Portugal, bem como pelos demais portugueses das comunidades da vasta diáspora lusa, esses autores empreendem uma emancipação glocal. As suas histórias dão a conhecer uma ousadia rara de quem escreve sobre si sem saber escrever (como os próprios afirmam) “bom português”, escrevendo ainda a respeito da sua origem pobre (a maioria dos casos) e experiência de emigração pouco valorizada e mesmo estigmatizada no senso comum português. Muito haveria a dizer sobre essa estigmatização da “figura” do emigrante português e sobre a concomitante

---

<sup>10</sup> Há cerca de um milhão de portugueses nos EUA e a maioria é de origem açoriana. No entanto, no Estado de New Jersey, são sobretudo portugueses do continente que aí vivem.



desvalorização pública das odisséias marítimas, terrestres e aéreas desses protagonistas da emigração.

### OFICINAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRAFIAS NO ESTUDO DAS MIGRAÇÕES: UMA ESPIRAL TRANSDISCIPLINAR DE SABERES

A imagem da espiral auxilia a ilustrar o carácter transdisciplinar das oficinas biográficas com migrantes e da análise de autobiografias. Na roda, cada participante traz a sua história de migração e ouve as demais, dessa forma oferecendo após cada escuta a sua ressonância da história do/a outro/a que contou. Os participantes sentam-se em círculo e, como numa *arbre à palabre*, oferecem a sua perspectiva única sobre o tema em tratamento. Cada visão é seguida das ressonâncias dos demais participantes e, assim, a história de cada um/a é comentada, acrescentada, seguida pelos colegas de grupo. O sentido das narrações não procura ser linear, nem teleológico, pulverizando-se mesmo em vários subtemas pertinentes que são coconstruídos e seguidamente analisados em conjunto, logo justificados pelas oficinas de que falamos. São grupos de trabalho que reúnem participantes voluntários em torno do tema comum da e/imigração, os subtemas que temos estudado são, sobretudo, a respeito de questões de discriminação, racismo, estereótipos, identidades e condições da vida na e/imigração.

Os pressupostos teóricos dessas oficinas são os apresentados na primeira parte deste texto, e os objetivos visam concretizar os postulados de pesquisa colaborativa, comprometida com a construção de um saber partilhado, útil a todas as partes envolvidas e não apenas a quem faz investigação. Procuramos pôr em prática a vontade de conhecer a e/imigração com os e/imigrantes, numa relação de proximidade, e não a distância. São os nossos interlocutores que nos dizem o que é ser e/imigrante de um determinado país, noutro. Nessas descrições – que são, não o esqueçamos, testemunhos privados de vivências concretas –, coconstruem com a equipe de investigação os sentidos empíricos de conceitos operatórios centrais ao

nosso trabalho, tais como “emigrante”, “imigrante”, “africano/a”, “brasileiro/a”, “chinês/a”, “estrangeiro”, “português” etc.

Durante três dias consecutivos, cada grupo se reúne, idealmente, das 9 da manhã às 18 da tarde para que cada participante conte, na primeira pessoa, a sua história concreta de migração. Em função do número de participantes (que não deve exceder os 12), o tempo pode ser mais ou menos estendido na fala de cada um/a. Começamos cada dia com um exercício de escuta, de olhos fechados, que permite ter a experiência de uma audição mais atenta e respeitosa, ancorada no corpo. Antes de tudo, faz-se um pacto verbal de respeito pela diferença de cada participante, pois a roda serve para conhecer e não para julgar ou condenar. Esse exercício é seguido de uma partilha sobre a forma como cada um/a viveu essa escuta. Desde logo, cria-se uma empatia no grupo e percebe-se a diversidade existente, apesar de o exercício ser comum: cada um/a vive de uma certa maneira os minutos de “silêncio”.

Cada partilha demora o tempo somado de cada relato seguido das respectivas ressonâncias. Assim, este é um espaço de palavra e escuta multiplicadas. Depois do exercício de escuta, passamos aos relatos autobiográficos (escritos ou orais, consoante) dos participantes que seguem a mesma estrutura do exercício anterior: partilha, escuta, ressonâncias. No fim de todas as partilhas e ressonâncias, que demoram dois dias, faz-se um balanço dos temas trazidos para e pela oficina, bem como da experiência de trabalho em roda. Essa é uma situação “extra quotidiana” (BOIS; RUGIRA, 2006) que criamos após a apresentação do projeto aos potenciais participantes voluntários, o que representa sempre uma experiência altamente gratificante para todos os implicados (assim o vivemos nós, e assim o dizem eles/elas).

Perante o material que é produzido no grupo, pelo grupo, o olhar de uma só disciplina é insuficiente. Há que trazer para a análise as competências de quem sabe sobre os múltiplos temas e subtemas abordados ou trazidos à tona, sobre a metodologia participativa, sobre discurso, narrativas e contextos de fundo dos fenómenos migratórios em estudo. Quanto a esse último aspeto, por exemplo, há que ter em conta diferentes tipos de imigração em Portugal que

trazem distintos cenários de reflexão: se é a imigração de ex-colônias portuguesas, ou de países do leste europeu, ou ainda de ex-colônias britânicas, por exemplo. O primeiro caso obriga a conhecer o passado colonial português, as relações passadas e presentes com cada país de origem dos migrantes, outros casos levam à história de outros impérios e transnacionalismos contemporâneos, ou à história recente da Europa.

Assim, a espiral sugerida diz respeito não apenas ao efeito cumulativo e exponencial das histórias partilhadas em grupo, mas também dos saberes disciplinares convocados para compreender e analisar todo esse material produzido. Esse último, aliás, não tem um fim propriamente dito. Apenas aquele que o tempo de cada pesquisa e os meios técnicos e logísticos impõem de cada vez. Por isso mesmo, cada roda gera potencialmente outras rodas, logo sendo possível dividir o trabalho ou compô-lo de forma mais ou menos criativa se quisermos ou pudermos interagir também com as artes.

No caso das oficinas biográficas realizadas em Coimbra no âmbito do projeto FCT referenciado, a primeira conduziu à segunda (grupo homogêneo somente de estudantes *versus* grupo heterogêneo com estudantes, trabalhadores, de várias idades). Surgiu depois uma terceira, não planeada, apenas com mulheres, e uma quarta dedicada ao tema das religiões no contexto de imigração, tema que se evidenciou nas oficinas anteriores, tal como a questão do gênero.

No bairro português de Newark (*Ironbound*), por sua vez, foi a secção cultural do Sport Club Português que nos abriu a porta e aceitou o pedido de realização de uma roda de histórias de emigração portuguesa. Nesse estudo, participaram duas mulheres e cinco homens, vindos de Portugal para os EUA nos anos 1970, 1980 e 1990. Contando com a presença de gerações muito distintas (o participante mais novo tinha trinta e poucos anos, o mais velho setenta e oito), essa roda ilustrou diferentes vagas migratórias de Portugal para os EUA e facetas muito diferentes da comunidade portuguesa local. Foi muito interessante conhecer as razões de partida de cada um/a para New Jersey, motivadas por fatos tão diversos como os estudos de uma filha nos EUA, o

trabalho numa companhia de aviação, a fuga ao desemprego em Portugal, acompanhar um marido emigrado, a perda da família em Portugal, redes de sociabilidade em New Jersey, desadequação a Portugal após a descolonização em África, a procura de um contexto de aceitação da homossexualidade. Em conjunto, essas causas traduzem um quadro histórico da emigração portuguesa para os EUA na segunda metade do século XX, bem como retratam o Portugal da transição para a democracia, do fim do império colonial e das diásporas lusas pós-coloniais que têm características diferentes das vagas migratórias motivadas pela guerra colonial em África ou pela fuga ao fascismo.

Nesse contexto norte-americano da emigração portuguesa não açoriana<sup>11</sup>, é muito evidente uma nostalgia do império que encontramos sob várias formas: visões desencantadas do Portugal democrático; versões desculpabilizantes ou de negação das atrocidades cometidas durante a guerra colonial; retratos encantatórios da ação portuguesa nas colónias; saudosismo do governo de Oliveira Salazar, cujo *slogan* era “Deus, Pátria, Família” e que manteve a população portuguesa com níveis altíssimos de iliteracia ou baixa escolaridade até muito tarde (as estatísticas oficiais apontam para taxas de analfabetismo em meados dos anos 1970 de cerca de 40% no caso das mulheres e de 30%, no caso dos homens) e uma economia assente no sector primário (80% da população nacional trabalhava na agricultura nessa mesma data), sendo a vida da maioria dos portugueses na altura da revolução dos Cravos pobre, muito pobre, ou mesmo miserável.

Encontramos entre esse saudosismo do império um certo desconhecimento do Portugal de hoje, apesar de ser generalizada a adesão dos portugueses de Newark aos canais de televisão portuguesa e frequentes as viagens a Portugal – sobretudo nas férias dos emigrantes que se encontram regularizados perante o Estado norte-americano (o número de portugueses em

---

<sup>11</sup> Os Açores são um arquipélago português que esteve bastante arredado da política central do governo até ao 25 de abril de 1974 (Revolução dos Cravos). O isolamento geográfico foi acompanhado de um isolamento político e económico que lançou para a emigração verdadeiros contingentes de açorianos ao longo da história. A maior comunidade de portugueses dos EUA é açoriana e vive, sobretudo, na Califórnia, Rhode Island, Massachusetts.

situação não regularizada é desconhecido, mas considerado elevado). Da mesma maneira, constata-se um desconhecimento por parte de Portugal e dos portugueses não emigrados das realidades vividas pelos lusitanos dessas paragens. O preconceito domina nas percepções recíprocas de uns e outros, sendo também por isso particularmente relevantes os relatos produzidos em grupo e ainda as obras autobiográficas publicadas por emigrantes. Ambos dão a conhecer a vida de quem emigra a quem nunca partiu para longe, assim desconhecendo tal experiência.

O significado desses relatos e obras autobiográficas de homens e mulheres com baixos ou médios níveis de escolaridade<sup>12</sup> é, pois, ainda de relevo social, histórico, simbólico e biopolítico, para além de literário (cobrir a lacuna ibérica de produções autobiográficas). De fato, elas traduzem uma resistência aos estereótipos associados à figura pobre e iletrada que domina as representações públicas do emigrante português nos EUA (PAPA, 1976); revelam uma emancipação em relação a uma posição de submissão perante tais representações e um empoderamento face à ideia de inferioridade social dos emigrantes; também refletem uma autovalorização das experiências de emigração, contrária à vergonha de se ser emigrante ou de ter uma origem humilde. Tal resistência e empoderamento acontecem na esfera local e global simultaneamente: na comunidade de origem, na comunidade de pertença, na diáspora, perante o Portugal global dos *media* e perante o mundo. Nesse sentido, elas são um contraponto simbólico ao Portugal pobre que produziu essa emigração motivada pela procura de melhores e mais dignas condições de vida. O conceito de Michel Foucault de biopoder, designando o poder da vida em confronto com o poder sobre a vida, aplica-se bem a essa emancipação *glocal*. São esses homens e mulheres individualmente que se levantam do chão, ultrapassam os seus limites reais e simbólicos e escrevem uma autobiografia que publicam (sobretudo em edições de autor) sem inibição. Se o público português de Portugal e das comunidades diaspóricas os lerá, já é outra questão. Mas,

---

<sup>12</sup> As autobiografias que analisei no texto já referido (LECHNER, 2014b) foram escritas: por uma mulher com a terceira classe, dois homens com a quarta classe e uma mulher mais jovem com o liceu completo e um curso comercial.

certamente, o acesso ao espaço público através de uma roda ou de uma edição faz aceder esses narradores-autores/as a um poder que a palavra socializada, por um lado, e a escrita (GOODY, 2000), por outro, comportam.

Nas rodas de histórias, os relatos são validados, valorizados e materializam o seu alcance de transformação social através do poder (trans)formador da socialização em grupo das experiências privadas. Mais do que um eventual efeito catártico ou terapêutico que possam adquirir (não é o objectivo de partida), as oficinas biográficas permitem evidenciar o poder social das histórias pessoais e o valor individual das experiências coletivas. Tal como sugeriu Gaston Pineau (1996), as histórias de vida ou relatos biográficos são “artes formadoras da existência” e funcionam como um *atelier* de escultura onde se trabalha com as identidades e identificações de pessoas que se contam perante um grupo. Os componentes das rodas tomam consciência do carácter iminentemente social dos seus assuntos de e/imigrante, ao mesmo tempo que percebem o interesse e valor dos testemunhos pessoais de cada um/a para a análise dos temas coletivos. É o coletivo no individual e o individual no coletivo. Para cada participante, torna-se edificante fazer essa experiência em direto do valor social da sua história privada, frequentemente, as pessoas consideram e afirmam que a suas histórias “não têm interesse”, quando têm muito interesse social, humano, tanto privado como público.

Dessa forma, realizar uma pesquisa com esses relatos já é dar um relevo e valor a essas histórias julgadas comuns ou desinteressantes pela sociedade e pelos próprios migrantes, então, dar visibilidade a esses mesmos relatos é ainda mais importante. Cada história de migração contada é um rosto da e/imigração que traça os contornos de percursos objetivos claramente delineáveis (de onde veio, como, porque, quando, por onde passou, para onde foi etc.). Por esse motivo, a parte de colaboração pública que cabe à equipe de investigação ou a quem vai para o terreno recolher histórias cumpre o objectivo da pesquisa biográfica de tornar coerente a vontade de produzir “saber cidadão”. Aqui, tornam-se relevantes as publicações, comunicações e imagens que se possam mostrar a um público mais vasto, académico ou não. É nesse sentido, também, que uma pesquisa biográfica

entra em interação criativa com produtores de vídeo, fotógrafos ou artistas que deem rosto público aos rostos privados da e/imigração. Essa é a razão pela qual a transdisciplinariedade do trabalho com histórias de vida e relatos biográficos cruza de forma privilegiada não somente as ciências sociais e humanidades, como também as artes. Às questões técnicas, éticas e deontológicas essa transdisciplinaridade acrescenta ainda questões de ordem estética merecedoras de muita atenção. O espaço deste texto não nos permite desenvolver esse capítulo, mas há que adiantar o efeito de coerência que as questões estéticas (de escolha de imagens, montagem fílmica, fotografias, desenhos etc.) fazem cumprir na pesquisa biográfica: o que se vê e o que se mostra pertencem tanto a quem investigou como aos participantes. E as obras produzidas pelos voluntários participantes dos nossos projectos de pesquisa consubstanciam outras formas de participação e colaboração com a equipe de partida da pesquisa.

### REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Histoires de vie ou récits de pratiques?** Méthodologie de l'approche biographique en sociologie. Paris: Cordes, 1976.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers internationaux de sociologie**, Paris, n. 69, p. 198-225, 1980.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos.** Tradução brasileira. Natal: Edufrn, 2010.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en sciences sociales**, Paris, n. 62/63, p. 69-72, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **La misère du monde.** Paris: Seuil, 1993.

CONDE, Idalina. Problemas e virtudes na defesa da biografia. **Sociologia Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 13, p. 39-57, 1993.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Les histoires de vie: de l'invention de soi au projet de formation.** Paris: Anthropos, 2000.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **La condition biographique**: essai sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Sens et narrativité dans la société biographique, Avoir droit dans la cité: vulnérabilités et pouvoir d'agir. **Le Sujet dans la Cité**, Paris, n. 3, p. 167-181, 2012.

FERRAROTTI, F. **Histoire et histoires de vie**: la méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Librairie des Méridiens, 1983a.

FERRAROTTI, F. On the autonomy of the biographical method. In: BERTAUX, D. (Dir.). **Biography and society**: the life history approach in the social sciences. London; Beverly Hills: Sage, 1983b.

FERRAROTTI, F. **Le paradoxe du sacré**. Paris: Les Éperonniers, 1985.

FERRAROTTI, F. **On the science of uncertainty**: the biographical method in social research. Oxford; New York: Lexington Books, 2005.

FERRAROTTI, F. Partager les savoirs, socialiser les pouvoirs. Entrevista concedida a Christine Delory- Momberger. **Le Sujet dans la Cité. Revue internationale de recherche biographique**, Paris, n. 4, 2013.

FERRAROTTI, F. **O Olhar**: retorno de um sociólogo ao espaço das periferias romanas. Catálogo de exposição. Curadoria de Christine Delory-Momberger. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2014a.

FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014b.

GIORDANO, Cristiana. Práticas de tradução e a construção de subjectividades migrantes na Itália contemporânea. In: LECHNER, Elsa (Org.). **Migração, Saúde e Diversidade Cultural**. Lisboa: ICS, 2009.

GOODY, Jack. **The Power of the Written Tradition**. Washington; London: Smithsonian Institution Press, 2000.

LECHNER, Elsa. Para deixar rasto na geografia onde passam os meus passos. Biografia e transmissão na diáspora portuguesa em França. In: MELO, Daniel; SILVA, Eduardo Caetano da (Org.). **A construção da nação e o associativismo português na diáspora**. Lisboa: ICS, 2009a.

LECHNER, Elsa. Diálogos de vida: abordagem biográfica no estudo da migração. In: LECHNER, Elsa (Org.). **Histórias de vida**: olhares interdisciplinares. Porto: Afrontamento, 2009b.



LECHNER, Elsa. **Enfants de l'eau**: la reconstruction de l'identité en situation d'immigration, le cas des transmontanos en région parisienne. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes, 2010.

LECHNER, Elsa. Oficinas de trabalho biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 71-85, 2012.

LECHNER, Elsa. A escrita autobiográfica de emigrantes portugueses em Newark: resistência aos estereótipos e emancipação glocal. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon (Org.). **Escrita de Si, Resistência e Empoderamento**. Curitiba: CRV, 2014. p. 99-114.

LECHNER, Elsa; SOLOVOVA, Olga. The migrant patient, the doctor, and the (im)possibility of intercultural communication. **Language and intercultural communication**, London, v. 14, n. 3, p. 369-384, 2014. Special issue: Migrating languages.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MEDEIROS, Paulo de; SONJA, Herpoel. Iberian Autobiography. **Bulletin of Hispanic Studies**, Liverpool, v. 85, n. 2, 2008.

O'NEILL, B. **Jornaleiras e Zorros**: dimensões da ilegitimidade numa aldeia transmontana (1870-1978). Les Campagnes Portugaises: Colloque Aix-en-Provence, CCP, 1982.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BRAGA, Carlos. Posfácio. In: FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Natal: EDUFRN, 2014.

PINEAU, Gaston. Les histoires de vie comme art formateur de l'existence. **Pratiques de formation**, Paris, n. 31, 1996.

Artigo recebido em: 04/05/2015.